

AMIANO MARCELINO E O PENSAMENTO HISTÓRICO TUCIDIDEANO

Pedro Benedetti¹

Resumo

O presente estudo tem como objetivo buscar as possíveis influências do pensamento histórico de Tucídides na obra de Amiano Marcelino. Na qualidade de um historiador que tenta se inserir em uma tradição clássica, nuançamos no primeiro momento a imagem de Amiano como continuador de Tácito, dando ênfase em sua ligação com a historiografia grega. Depois disso, analisamos a metodologia professada por cada historiador e como ela foi aplicada ao longo das obras. Em seguida, abordamos suas noções de verdade histórica, erro e falsidade narrativa. Por fim, examinamos os objetivos professados por Amiano e Tucídides com a composição de suas obras. A partir disso, concluímos que, apesar de Tucídides ser pouco mencionado diretamente nas *Res Gestae*, a influência do pensamento histórico tucídideano em Amiano Marcelino ultrapassa a mera familiaridade com preceitos gerais de sua historiografia.

Palavras-chave

Amiano Marcelino; Tucídides; História Antiga; Historiografia Tardoantiga; Antiguidade Tardia.

¹ Pós-doutorando – Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, Brasil. E-mail: benedetti190@hotmail.com.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v. 8, n. 1, 2023. p. 103-128.

DOI: 10.34024/herodoto.2023.v8.20014

Abstract

This study aims to search for the potential influences of Thucydides' historical thought in Ammianus Marcellinus' work. As a historian who pursues a place in the classical tradition, we nuanced at first the idea of Ammianus' as a continuator of Tacitus by stressing his connection with the classical Greek historiography. After that, we analyzed the methodology professed by both historians and how it was applied in their writing. Subsequently, we approached their notion of historical truth and narrative falseness and errors. Lastly, we examined the goals with the composition of their works that were professed by Ammianus and Thucydides. Taking all that into account, we conclude that, although Thucydides receives very little direct mention in the *Res Gestae*, the influence of the thucydidean historical thought in Ammianus surpasses the mere familiarity that Ammianus was thought to have had with the general precepts of his historical writing.

Keywords

Ammianus Marcellinus; Thucydides; Ancient History; Late Antique Historiography; Late Antiquity.

Um historiador classicizante na Antiguidade Tardia

No decorrer do século IV d.C. o Império Romano se encontrava em uma situação consideravelmente diferente do que havia experimentado nos séculos anteriores. As perturbações do século III levaram a profundas transformações no seio da administração imperial, as reformas de Diocleciano e a cristianização do império sob Constantino moldaram as bases de um mundo ao qual damos hoje o nome de Antiguidade Tardia (Marrou, 1977). A centralização e sacralização do poder² e o crescimento espantoso da burocracia imperial (Jones, 1964: 67; 409; 1053–1056), resultados diretos desses processos, tiveram impactos igualmente profundos também nas dinâmicas sociais e no mundo intelectual do período.

Dessa forma, o latim, língua jurídica, administrativa e militar no mundo romano, ganhava importância na parte grecófona do império à medida que o século se aproximava do final. A segurança militar, econômica e institucional da parte oriental do império em oposição à situação bastante delicada das províncias ocidentais, que haviam sofrido com as sucessivas usurpações de Magno Máximo (r. 383–388) e Eugênio (r. 392–394), fez com que os cidadãos daquelas regiões aprendessem o latim na perspectiva de carreiras públicas melhores. Constantinopla, afinal, havia se tornado a Nova Roma, e grandes cidades como Antioquia se tornaram importantes centros administrativos e estratégicos, contando com a presença constante dos Augustos e Césares responsáveis pela manutenção das prefeituras pretorianas orientais.

Em termos de produção literária, essas transformações se refletem no declínio da produção em latim e na profusão de obras gregas, de maneira que apenas a última geração do século IV e o início do século V conseguiram produzir obras latinas de qualidade comparável à sua contraparte oriental (Brown, 1971: 115–117). Nesse contexto singular do século IV, é significativo que o mais eminente poeta latino e o mais importante historiador latino sejam oriundos das partes orientais do império, obtendo notoriedade ao emigrarem para a Itália: Cláudio Cláudiano nasceu em Alexandria, no Egito, em torno de 370, e Amiano

² Como resultado, o imperador torna-se cada vez menos acessível e perde paulatinamente a imagem de um magistrado para se tornar um autocrata. Isso transparece na fórmula epigráfica *D(ominus) N(oster)* cada vez mais adotada no decorrer do século. Emano do *dominus* uma autoridade do tipo exercida pelo *paterfamilias* sobre a família, e o poder imperial torna-se uma imagem dessa autoridade. Por conseguinte, a obtenção de privilégios e notoriedade é diretamente proporcional à proximidade com a figura do *princeps*.

Marcelino em torno de 330 na região da Síria, provavelmente em Antioquia.

A história escrita por Amiano Marcelino, intitulada *Res Gestae* até onde sabemos³, é única em seu contexto sob quaisquer aspectos que analisemos. Ela é composta em momento em que o cenário historiográfico latino é dominado por crônicas e breviários. Em um panorama mais geral, o mundo intelectual grego produzia as famosas Histórias Eclesiásticas, cuja tradição tem como precursor Eusébio de Cesareia já no início do século IV. Amiano Marcelino, apesar de deixar transparecer que teve contato com toda essa produção e, em certa medida, a tenha utilizado⁴, demonstra certo desdém pela primeira (algo sobre o qual discorreremos mais a frente) e muito pouco interesse pelos temas da segunda.

Tendo em vista que a obra de Eunápio de Sárdis chegou até nós de maneira muito fragmentária e que conhecemos praticamente nada sobre os anais de Nicômaco Flaviano, Amiano Marcelino aparece, de fato, como um “historiador solitário” de seu tempo (Momigliano, 1974). Não é difícil constatar, portanto, que Amiano é o único historiador conhecido de sua época a desenvolver uma narrativa histórica complexa e detalhada com o objetivo de elucidar os eventos importantes que marcaram a História do Império Romano e o transformaram nos últimos três séculos. Ainda assim, convém notar que, ao constatarmos a “solidão” do historiador, devemos considerar tão somente a produção literária de seu tempo, com a qual ele estabelece pouco ou nenhum diálogo, e que isso não é válido quando dobrarmos nosso olhar para a quantidade massiva de autores antigos aos quais ele faz referência.

Ao longo de sua obra, Amiano demonstra grande conhecimento da tradição literária de períodos anteriores. É possível encontrar inúmeras menções a autores clássicos, tanto gregos quanto latinos; há referências diretas e indiretas a escritores greco-romanos canônicos de Homero a Cícero, de Valério Máximo a Ovídio (Barnes, 1998: 193). Não sem pretensão, Amiano o faz para se afirmar como herdeiro de uma herança clássica e se colocar como parte de uma tradição. A própria forma como as *Res Gestae* foram escritas e os elogios tecidos a uma antiguidade greco-

³ Esse é o nome que aparece na única e mais antiga menção à obra de Amiano, Prisc. *Inst. Gram.* II, 487, 1 (Keil). Todas as abreviações seguem o padrão do Oxford Classical Dictionary e todas as traduções foram feitas pelo autor, salvo indicação contrária.

⁴ Ver, por exemplo, a semelhança entre Eutr. 10, 18, 3 (*reliqua stilo maiore dicenda sunt*) e Amm. Marc. 31, 16, 9 (... *procudere linguas ad maiores moneo stilos*) e entre Festo, *Breviário*, 9 (*Multa de saevitiis... potare sint soliti*) e Amm. Marc. 27, 4, 4 (*saevi quondam...bibentes avidius*).

romana valorosa e intrépida, em oposição aos vícios de seu tempo (e.g.: Amm. Marc. 31, 5, 14) evidencia isso.

Em virtude dessas características peculiares, os estudiosos da Antiguidade Tardia não demoraram a procurar um historiador clássico cuja obra Amiano Marcelino tivesse utilizado como modelo para suas *Res Gestae*. Além da língua em que o historiador escreve, o intervalo temporal que sua narrativa cobre, da ascensão do imperador Nerva em 96 até a morte do imperador Valente na batalha de Adrianópolis em 378 (Amm. Marc. 31, 16, 9), seria um indício forte de que ele se colocava como um continuador de Tácito, cujas narrativas combinadas (*Annales* e *Historiae*) cobririam todo o período de Augusto até a morte de Domiciano em 96. Um forte argumento em favor dessa ideia é que era comum na Antiguidade a prática de um autor de afirmar sua autoridade literária através do posicionamento como continuador de outro autor renomado, retomando seus escritos do ponto de onde parou (Marincola, 1997: 237–241). Como tributário do cânone clássico, certamente Amiano estaria atento às convenções historiográficas clássicas.

Contudo, os primeiros treze livros da obra de Amiano, que narram os eventos até o ano de 353, se perderam, de modo que não temos nada remotamente próximo de uma afirmação explícita como a que encontramos no prefácio de Xenofonte, que ao continuar sua narrativa de onde parou Tucídides abre sua obra com *meta de taûta* (depois desses eventos)⁵. Ainda assim, a ideia de que Amiano Marcelino se coloca como continuador de Tácito acabou por se perpetuar nos estudos que têm como objeto as *Res Gestae* e sua composição. Estudiosos como Otto Seck, em seu verbete para a *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft* de 1894, e John C. Rolfe, na introdução de sua tradução inglesa das *Res Gestae* de 1935, chegaram mesmo a cogitar que sua obra teria se chamado *Res Gestae a Fine Cornelii Taciti* (Histórias a partir do término de Cornélio Tácito). Posteriormente, Edward A. Thompson (1947: 121) e Ronald Syme (1968: 503, n. 8) não hesitaram em nomear Amiano “herdeiro” de Tácito.

Há, sem dúvida, semelhanças marcantes entre Tácito e Amiano Marcelino. No período romano, há apenas esses dois historiadores latinos que narram uma “história do tempo presente” em tão larga escala e com tamanha riqueza de detalhes; as *Historiae* e os *Annales* de Tácito, que circulavam como uma obra só, somavam 30 livros, organizados em héxades tal qual a

⁵ As traduções do grego e latim no presente estudo são do autor, salvo indicação contrária.

obra de Amiano, apesar de ela ter sido composta em 31 livros⁶. Essas semelhanças fizeram com que se enxergasse em inúmeras passagens das *Res Gestae* alusões inescapáveis a trechos das obras de Tácito, como a *sphragis* e o início do livro 22. Muitas dessas passagens, no entanto, são lugares comuns historiográficos, encontrados também em Salústio e Tito Lívio, ou poéticos, encontrados em Virgílio. Não há em Tácito quaisquer paralelos às cenas, discursos, caracterizações ou digressões encontradas em Amiano Marcelino; não se encontra em nenhum outro historiador tão vívido relato em primeira pessoa de suas atividades como soldado sob o comando de Ursicino e a narrativa das *Historiae* de Tácito, englobando vinte e sete anos em doze livros, seriam consideravelmente mais densas do que a dos treze livros perdidos de Amiano Marcelino, que deveriam dar conta de 255 anos (Kelly, 2010: 350–353).

Com efeito, o desejo de Amiano de continuar suas histórias do ponto onde parou Tácito não implica necessariamente que ele partilhe das mesmas ideias e crenças a respeito da História, do método de investigação ou do estilo narrativo. John Marincola (1997: 239) bem notou que a prática da continuação era uma forma de reivindicar a importância e o valor da história contemporânea, de modo a indicar que o próprio autor deseja se inserir em determinada tradição historiográfica. Por isso, vale ter em mente a advertência benfazeja de Gavin Kelly (2010: 352), segundo quem a busca exagerada por conexões entre Tácito e Amiano pode nos fazer ignorar outras influências importantes. O historiador soldado era, afinal de contas, um grego, e faz questão de deixar esse elemento identitário explícito em sua *sphragis*⁷ e através do seu uso do vocabulário grego erudito ao longo da obra.⁸ Suas digressões geográficas, que na totalidade da narrativa deveriam cobrir senão todo o mundo conhecido, ao menos as províncias romanas, encontram paralelo apenas em Heródoto; sua inserção de terremotos, pragas e eclipses ao longo da narrativa e a marcação temporal de sua história através das estações do ano certamente remetem a Tucídides.

⁶ O que indicou, para alguns, o anseio do historiador de “ir um livro além” de Tácito, outros pensam que o primeiro livro poderia ser apenas um índice, como Plínio faz em sua *História Natural*. Barnes (1998: 20–31) propõe que haveria 36 livros, organizados em 6 héxades, cuja numeração se corrompeu na transmissão manuscrita.

⁷ Amm. Marc. 31, 16, 9: “Estas coisas eu, como outrora um soldado e grego (...) expliquei de acordo com a medida de minhas habilidades (*haec ut miles quondam et Graecus (...) pro virium explicavi mensura*).”

⁸ Vale mencionar a excepcional digressão em Amm. Marc. 17, 4, 18–23, na qual o historiador insere a tradução grega do texto de um obelisco egípcio no Circo Máximo.

Se por um lado Heródoto foi celebrado posteriormente mais por sua eloquência e seu estilo do que propriamente por suas qualidades como historiador (Racine, 2016), por outro o ateniense Tucídides continuou a ser, durante o período do principado, o grande exemplo de historiador. Longino, em seu tratado sobre o sublime, sugere a qualquer escritor que deseje compor uma passagem que demande “grandeza de pensamento e retidão de palavras (*megalo phrosýnē kaiy' psēgoría*)”, que componha sua narrativa tendo em mente “como a teria tornado sublime [...] Tucídides em sua história (Long. Sub. 14, 1: *pōs d' an hypsōsan (...) ē en historia Thoukydídēs.*)”. Luciano de Samósata, no século II, é categórico ao afirmar que foi Tucídides quem “muito bem ordenou [os princípios da escrita histórica] e separou o bom do mau historiador (Luc. Hist. Consc. 42: *eū málā tōút' enomothétēse kai diékrinen aretēn kai kakían syngraphikēn.*).”

Ora, Amiano Marcelino menciona explicitamente Heródoto apenas uma vez, em Amm. Marc. 22, 15, 28, para conferir autoridade à sua afirmação sobre a dificuldade da construção das pirâmides do Egito. Em outra ocasião, no entanto, tece uma dura crítica à “Grécia inventiva (*Graecia fabulosa*. Amm. Marc. 18, 6, 23)” ao relatar a magnitude das tropas persas contidas em Dorisco, evento narrado em Hdt. 7, 59. Em contrapartida, Tucídides é mencionado pelo nome ao menos duas vezes em sua obra: em Amm. Marc. 19, 4, 4, quando traça um paralelo entre a peste que assolou a cidade de Amida na Mesopotâmia, durante o cerco de 359, e a epidemia que tomou Atenas durante o segundo ano da guerra do Peloponeso, em 430 a.C.; e em 23, 6, 75, quando elogia o ateniense ao chamá-lo de “a mais ilustre testemunha (*auctor amplissimus*)”. Ademais, Eunápio de Sardis, um dos historiadores aos quais Amiano muito possivelmente pretendeu responder em sua narrativa sobre a batalha de Adrianópolis (Kulikowsky, 2012), se coloca como continuador de Dexipo de Atenas, historiador que tem como modelo seu antecessor ateniense (Puech, 2011: 26–29), pretendendo assim inserir-se na tradição histórica Tucidideana.

Tendo em vista sua herança grega, sua escrita classicizante, os objetivos e características peculiares de sua obra cabe perguntar: seria possível afirmar, apesar de termos perdido grande parte das *Res Gestae*, que Amiano Marcelino foi um historiador tucídideano? Quais foram as influências do historiador-general ateniense sobre o historiador-soldado antioqueno? Para investigarmos essas questões e seus limites, colocaremos lado a lado aspectos notórios e imprescindíveis do pensamento histórico de Tucídides e Amiano de modo a buscarmos suas semelhanças e divergências: os elementos metodológicos que ambos constroem perante sua audiência e que aparecem explícitos em parágrafos próprios e ao longo

da narrativa; sua ideia de verdade histórica e os riscos de corrupção da narrativa e seus objetivos com a composição de suas obras.

A incansável busca pela exatidão do relato histórico: a metodologia de Amiano Marcelino e Tucídides

De todas as maneiras pude **procurar a verdade** (*veritatem scrutari*), narramos estas coisas depois de **expormos a ordem** (*ordine... exposito*) dos diversos acontecimentos, que me foram permitidos **ver pela idade, ou saber ao interrogar rigorosamente os envolvidos no meio** (*perplexe interrogando versatos in medio*). O restante, que o texto prestes a se seguir **revelará** (*aperiet*), nós **desenvolveremos da maneira mais precisa** (*limatus absolvemus*) conforme o alcance de nossas habilidades, em nada temendo os críticos à longa obra, pois a brevidade deve ser louvada quando rompe delongas inoportunas sem que em nada subtraia do **conhecimento dos fatos** (*cognitioni gestorum*). (Amm. Marc. 15, 1,1. grifo nosso)

E quanto às ações que foram praticadas na guerra, **decidi registrar** (*ēxiōsa grāphein*) não as que conhecia por uma informação casual, nem segundo conjectura minha, mas somente aquelas **que eu próprio presenciara** (*autos parēn*) e depois de ter **pesquisado** (*epexelthōn*) a fundo sobre cada **uma junto de outros, com a maior exatidão possível** (*para tōn allōn hoson dynaton akribeiāi*). (Thuc. 1, 22, 2, tradução de Ana Lia Amaral de Almeida Prado, grifo nosso)

O historiador moderno, para quem a análise do intertexto tem um papel crucial no âmbito de sua pesquisa, não tem maiores dificuldades em identificar a semelhança entre as passagens que abrem esse item, guiando-se pelos trechos grifados e termos originais em destaque. A exposição dos métodos historiográficos faz parte, em uma dimensão mais ampla, da assertiva de autoridade de um historiador diante de sua audiência, ou seja, do seu esforço de construção de uma persona persuasiva e crível (Marincola, 1997: 1). Isso significa que há sempre uma dimensão fundamentalmente dialógica na escrita da História que demanda essa sistematização metodológica como parte da retórica que é própria ao gênero historiográfico. Portanto, é seguro afirmarmos que Amiano e Tucídides não apenas tecem esses argumentos de maneira semelhante, mas o fazem com o mesmo objetivo: estabelecer um diálogo com sua audiência e diferenciar sua obra de outras de natureza distinta.

Mas ainda que Amiano tenha composto sua obra como uma empreitada pessoal e não como uma história oficial comissionada por reis e imperadores, tal qual a historiografia grega em seus primórdios (Raaflaub, 2013: 4), há que se notar que seu mundo não é o mesmo mundo de Tucídides. Por conseguinte, os argumentos que garantem a autoridade

literária de ambos se constroem diante de audiências distintas e em oposição a narrativas de outra natureza que são próprias do tempo de cada autor.

Para o historiador ateniense, seu relato se difere daquele dos poetas e logógrafos por não se tratar de uma narrativa heroica e elogiosa (Thuc. 1, 21, 1: *mythôdēs*), histórias que, ainda que não sejam necessariamente mentirosas ou falsas, não podem ser submetidas à prova de autenticidade (Thuc. 1, 20, 1: *abasanistōs*) à luz dos preceitos que ele mesmo estabelece. Há, já de início, duas temporalidades que são submetidas ao seu escrutínio e suas ferramentas: os acontecimentos anteriores e aqueles “mais antigos ainda”, considerados pelo historiador como não passíveis de apreensão cristalina (Thuc. 1, 1, 3: *saphōs... heureîn*). A metáfora da luz é importante para compreendermos os limites que Tucídides coloca ao seu próprio método. Como uma luminária, tudo aquilo em seu alcance direto pode ser iluminado, exposto, trazido à luz, ao passo que quanto mais se distancia dela, menos um objeto se torna visível, claro, distingível. O passado remoto é aquele que Tucídides narra em sua *Arqueologia* (Thuc. 1, 2-19), uma reconstrução baseada em indícios não muito seguros, acessível somente pela tradição oral e escrita, pela observação da vida contemporânea e pelos vestígios antigos, tratados por um cálculo de verossimilhança (*eikos*) (Prado, 2013: xlii-xlii).

Ao contrário destes, os eventos que ele narra propriamente são os que se encontram de certa maneira “mais próximos à luminária”. A confiança neles depositada advém de uma investigação cujos métodos são expostos no parágrafo 22, a qual produz provas (Thuc. 1, 21, 1: *tekmēria*) sobre as quais Tucídides pauta sua busca pela verdade (Thuc. 1, 20, 3: *hē zētēsis tēs alētheías*). Nesse sentido, apesar da parte metodológica de seu primeiro livro, a saber dos parágrafos 20 ao 23, estabelecer uma série de procedimentos pelos quais o historiador deve se balizar na hora de construir seu relato para não incorrer em erro⁹, a busca pela verdade de que fala Tucídides é também uma abertura, que convida o leitor para ser também o investigador a se debruçar nos fatos e dialogar com seu método, construindo seu próprio saber histórico (Sebastiani, 2015: 206-208). Trata-se, assim, não de uma busca solitária do autor pela verdade, mas acima de tudo, uma investigação dialógica, portanto retórica, da qual participa

⁹ A construção por negativas nesses parágrafos marca a distância que se toma “respectivamente das tradições orais (*akoas*), da incúria (*abasanistōs*), da ignorância (*ouk ísasin*), do esquecimento (*amnēstoúmena*), da incorreção (*ouk orthōs oíontai*), do descuido (*atalaípōros*), da precipitação (*ta hetoîma*), do equívoco (*ouch hamartánoi*) (Sebastiani, 2015: 205)”

também o leitor, chamado a partilhar de seus métodos e julgá-los pertinentes ou não para a apreensão de um evento tão complexo e de tão grandes proporções quanto o foi a Guerra do Peloponeso.

Amiano Marcelino, por sua vez, também responde à produção literária de seu tempo. Ao fazer ressalvas com relação à brevidade de uma obra de caráter histórico, o historiador antioqueno se opõe aos escritores de brevíario de sua época como Festo, quem já no início de sua obra adverte: “enunciarei os fatos, mas não os elucidarei (*Festo 1, 1: res gestas signabo, non eloquar*)”. Certamente, como já observou Guy Sabbah (1978: 11-12), a dificuldade de estudar a metodologia da investigação histórica de Amiano Marcelino é dupla: primeiramente se deve ao fato de que o primeiro livro da obra se perdeu, e embora a *sphragis* das *Res Gestae* possa nos elucidar alguns aspectos acerca do escopo da obra e do objetivo do historiador, não temos seu prefácio nem uma declaração metodológica clara como a encontramos em Tucídides. Devemos nos contentar, portanto, com informações e declarações dispersas na obra, das quais emerge menos uma teoria concisa da História e mais reações até certo ponto emocionais à possíveis críticas cujo sentido parece vago¹⁰. O segundo ponto é referente à quantidade de livros que se perderam. Logo, não parece justo julgar os métodos de Amiano referentes ao conjunto de sua obra quando muitos elementos importantes de sua narrativa podem ter desaparecido ou se transformado na segunda parte do texto. Em todo caso, julga Sabbah, os temas maiores de seus métodos historiográficos continuam constantes no decorrer da obra, de modo que os prefácios ao livro 15 e 16 sinalizaram, ao que parece, uma mudança no tom da narrativa do que na substância daquilo que é narrado.

A massa de eventos que Amiano se propõe a narrar em apenas 31 livros faz com que os treze livros perdidos devam abranger em sua narrativa uma média de vinte anos cada um, em contraste com os pouco mais de um ano por livro dos dezoito livros restantes. Por isso pensou-se muito tempo em uma obra dividida em dois momentos, o primeiro dos quais seria uma espécie de “arqueologia” bem maior que a da *Guerra do Peloponeso*, que serviria de introdução à “História Contemporânea” de Amiano (Matthews, 1989: 27-30). O segundo momento, iniciando-se no décimo quinto livro, se trataria de uma narrativa mais trabalhada (*limatus*) que a anterior, talvez

¹⁰ Amm. Marc. 15, 1, 1: “os críticos à longa obra (*obtrectatores longi operis*)”; 26, 1, 1: “os críticos inoportunos (*examinatores intempestivi*)”; 31, 5, 11: “aqueles que desconhecem a antiguidade (*ignari antiquitatum*)”.

por ser mais próxima da época em que as *Res Gestae* foram escritas (vale aqui, ainda, a metáfora da luminária).

Contudo, vale nos atentarmos para o sentido preciso do vocábulo *limatius*, essencial para a compreensão do parágrafo de abertura do livro. Ele obtém seu significado do verbo *limo*, que significa literalmente trabalhar com a lima, polir, aperfeiçoar, dar acabamento. Não basta, portanto, que se exponha a ordem dos acontecimentos que se viu ou sobre os quais se escrutinou por meio das testemunhas. Para o conhecimento dos eventos do passado é necessário que a narrativa seja desenvolvida de forma concisa e clara, ainda que isso delongue a obra. Essa tarefa se torna ainda mais complicada à medida em que o tempo da narrativa se aproxima da época do próprio historiador. Se por um lado os eventos se tornam mais claros, posto que aconteceram há pouco tempo e tanto abundam as testemunhas quanto está “fresca” a memória do historiador, por outro fica-se vulnerável às críticas daqueles que possam vir a cobrar os motivos pelos quais foram negligenciados uns e outros acontecimentos. Afinal, polir a narrativa significa também talhar, desbastar, escolher os fatos com os quais se trabalha, deixando outros de lado como lascas de matéria prima.

O historiador não é, para Amiano Marcelino, simplesmente alguém que consegue enumerar e descrever todas as minúcias de um período e dispô-las segundo uma ordem cronologicamente estabelecida. A temperança nesse aspecto do trabalho do historiador é, portanto, fundamental, pois se por um lado a brevidade dos epítomes fura o interlocutor do conhecimento, uma narrativa prolixia e floreada, como a dos panegíricos, faz com que lhe falte perspectiva para compreender a totalidade do processo histórico que se quer trazer à luz. Mais do que isso, relembra o historiador, “nem tudo o que aconteceu em meio às pessoas insignificantes vale a pena narrar, e nem que fosse necessário fazê-lo bastariam mesmo os registros dos próprios cartórios públicos (Amm. Marc. 28, 1, 15).” Dessa maneira, a narrativa histórica apresenta-se – lembremo-nos do verbo *limo* – quase como uma estátua de mármore: pode-se pecar tanto ao desbastar em demasia a matéria prima, ao ponto de desfigurar a obra, quanto pela falta de acabamento que pode levar à sua descaracterização.

É nesse sentido que surge outro parágrafo metodológico dentro das *Res Gestae*, composto quando a narrativa já avança para sua héxade final, a narrativa dos acontecimentos da época de Valentiniano, Valente e Graciano:

Narrados os encadeamentos dos eventos **com o mais zeloso cuidado** (*impensiore cura*) **até os confins da memória mais recente** (*ad usque memoriae confinia*

proprioris), era oportuno que já retirássemos o pé dos caminhos mais conhecidos, tanto para que se evitem os perigos que frequentemente acompanham a verdade, quanto para que não lidemos com críticos inoportunos da urdidura prestes a ser tecida daqui em diante, os quais resmungam, como que prejudicados, se foi negligenciado o que o imperador disse ao banquete, ou se omitiu-se por qual motivo reles soldados foram coagidos a se apresentarem diante dos estandartes, ou porque não conviera deixar de mencionar fortes insignificantes na descrição de diversas regiões, ou porque não foram salientados os nomes de todos os que compareceram à posse do pretor urbano, e muitas coisas semelhantes **que destoam dos preceitos da história (*praeceptis historiae dissonantia*)**, habituada a discorrer sobre a grandeza dos processos, não a indagar as minúcias das pequenas causas (*discurrere per negotiorum celsitudines assuetae, non humilium minutias indagare causarum*), as quais, se alguém quiser investigar, esperará poder enumerar aqueles corpúsculos indivisíveis que flutuam em meio ao vazio: átomos, como nós os chamamos. (Amm. Marc. 26, 1, 1, grifo nosso)

Nesse ponto, vale levarmos em conta as considerações de Charles Fornara (1990) sobre os dois prefácios que encontramos no livro 15 e no livro 26 das *Res Gestae*, interpretados muitas vezes de maneira isolada do restante da obra e de seu fluxo narrativo e esvaziadas de seu sentido metodológico. O trecho 15, 1, 1 foi tomado como um mero aviso na mudança no estilo narrativo, indicando que os livros anteriores possuiriam uma narrativa mais concisa, como que um brevíario. O trecho 26, 1, 1, por sua vez, foi visto como sinal de que Amiano teria mudado seu plano original de terminar a narrativa com a morte de Juliano em 363, alertando para os riscos de uma escrita contemporânea da História. O livro 14, no entanto, não é menos detalhado do que aqueles que o sucedem e não há qualquer evidência textual de que Amiano planejava terminar sua narrativa no livro 25.

Nenhuma dessas interpretações leva em conta que, nessas duas partes da narrativa histórica, Amiano teve de lidar com dois problemas diferentes de natureza metodológica no que diz respeito às suas fontes. Essas duas passagens, portanto, devem ser lidas em conjunto. No livro 15, a passagem da documentação escrita como fonte para os eventos até a execução de Constâncio Galo para a memória daqueles que vivenciaram os eventos posteriores e do próprio Amiano, já sob o comando de Ursicino, demandou do historiador uma declaração de sua competência para escrever uma história a partir do relato daqueles que estiveram presentes nos acontecimentos e da própria clareza de sua memória de jovem soldado. No livro 26, por sua vez, Amiano sevê diante do desafio de escrever sua história para um público que certamente tinha lembranças muitíssimo recentes dos eventos que ele narra. Mais uma vez se faz necessário,

portanto, elucidar seus métodos historiográficos diante da multiplicidade de memórias que, se enunciadas todas, tornariam impossível seu trabalho.

Tucídides também se vê em uma posição semelhante. Há em sua obra uma espécie de “segundo prefácio”, localizado no ponto da narrativa em que o tratado de não beligerância entre Atenas e Esparta chega ao fim (5, 26) e inicia-se a segunda fase da guerra. Em nota à passagem em sua tradução inglesa, Mynott considera que o trecho foi “enxertado” depois de findada a composição da obra, pelo menos posteriormente a 404 a.C.. O historiador ateniense responde essencialmente àqueles que argumentam que o período de não beligerância entre Esparta e Atenas foi um período de paz, mencionando os momentos em que hostilidades emergiram entre os aliados de um e de outro lado. Nessa passagem, Tucídides reafirma sua autoridade na condição de alguém que estava em idade de examinar o curso dos acontecimentos e mais ainda: sua posição de exilado lhe havia permitido ter acesso a vários lados dos acontecimentos e aplicar seu entendimento “para o conhecimento preciso das coisas (Thuc. 5, 26, 5: *hopōs akribés ti eisomai*)”. Os eventos relatados adiante pelo historiador ateniense também não são escolhidos ao acaso, Tucídides busca demonstrar um ponto de vista “à luz dos fatos relevantes (Thuc. 5, 26, 2: *tois (...) ergois hōs diērētai*)”, a saber: que uma trégua em meio à guerra não significa paz.

A preocupação com a exatidão dos eventos narrados, o zelo na construção na narrativa e a interlocução com os leitores são, portanto, aspectos de ambas as obras que aparecem e reaparecem no decorrer do texto. Mas quando não é possível estabelecer com clareza como um evento ocorreu, isto é, quando o historiador considera ser insuficiente ou duvidosa a informação que recebe acerca de determinado acontecimento, faz parte também de sua estratégia metodológica, melhor, de sua retórica do método (Pires, 2006: 285-300), indicar os percalços que encontrou.

Em Tucídides a primeira delas ocorre em Thuc. 2, 5, quando os relatos dos tebanos e platenses divergem acerca dos termos de liberação dos soldados encarcerados na cidade de Plateia. Tucídides escolhe relatar ambas as versões, e deixa a cargo do leitor ponderá-las. Em Thuc. 5, 68 o ateniense admite o desconhecimento numérico das perdas dos exércitos que se enfrentaram em Mantinea, pois uma das partes ocultava suas baixas e outra exagerava as baixas de seu oponente. Em Thuc. 3, 113 o historiador escolhe deliberadamente não relatar o número de ambraciotas mortos na campanha de Anfilóquia, pois o montante lhe parecia absolutamente descabido diante do total de habitantes da cidade. De maneira semelhante, Tucídides escolhe não registrar em Thuc. 3, 87 a quantidade de atenienses,

além dos que faziam parte do exército, que foram mortos por conta do recrudescimento da peste no terceiro ano da guerra, pois ninguém foi capaz de calcular tal número.

Encontramos também passagens semelhantes em Amiano Marcelino. Já no último livro, o historiador antioqueno relata o desfecho da batalha de Marcianópolis, nos seguintes termos:

suplicamos que os que hão de ler isto – se algum dia houver alguém – **nada exijam de fato mais minucioso ou número de mortos** (*ne quis a nobis scrupulose gesta vel numerum exigat peremptorum*), que não pôde ser compreendido por nenhuma nação (Amm. Marc. 31, 5, 10 grifo nosso).

A caótica e desastrosa batalha de Adrianópolis também impõe uma dificuldade e deixa sua marca na obra: o imperador Valente morre em meio aos turbilhões da contenda de modo que seu corpo jamais foi encontrado. Diante das várias versões inverificáveis dos últimos momentos do *princeps*, Amiano não se constrange em relatar duas delas que devem ter lhe parecido as mais verossímeis: a de que o imperador morreu em meio aos soldados comuns atingido por uma flecha (Amm. Marc. 31, 13, 12) e a de que ele se refugiou ferido em um casebre que foi incendiado pelos godos depois da batalha (Amm. Marc. 31, 13, 14–16).

O silêncio, quando conscientemente enunciado, e a variedade de versões possíveis para um mesmo fato não são, portanto, problema para ambos os historiadores. Se todos os métodos disponíveis falham, se o próprio historiador não pôde estar presente ao acontecimento que narra ou se nenhuma testemunha lhe fornece uma informação importante, é melhor admiti-lo do que construir sua narrativa em torno de relatos dúbios fornecidos por testemunhas casuais ou confiar em uma conjectura que possa, eventualmente, passar por erro ou desonestidade quando colocada diante da experiência daqueles que também viveram os eventos ou caso não passe no cálculo de verossimilhança (*eikós*) dos leitores, convidados pelos historiadores a partilharem de sua análise dos fatos.

Verdade e mentira na narrativa histórica: Tucídides e Amiano diante do risco do inverificável

O rigor metodológico professado pelos dois historiadores tinha uma clara razão de ser e se relacionava com sua noção de verdade. Afinal de contas, era necessário, perante uma audiência letada, demonstrar plena capacidade de desvelar a verdade histórica através desses métodos. Como

bem notou Breno Sebastiani (2015: 219), Tucídides pensou sua narrativa, produto desses métodos investigativos, como expressão da própria *alētheia* criadora. Ao final da exposição de seus métodos, Tucídides deixa claro qual tipo de narrativa deve ser evitada nessa busca pela verdade, através de uma construção opositiva que lhe é bem particular:

Para o auditório, **o caráter não fabuloso** (*men (...) to mē mythôdes*) dos fatos narrados parecerá talvez menos atraente; mas se todos quantos querem examinar **o que há de claro** (*de (...) to saphes*) nos acontecimentos passados e nos que um dia, dado o seu caráter humano, virão a ser **semelhantes ou análogos** (*toiauta kai paraplēsai*), virem sua **utilidade** (*ōphelima*), será o bastante. Constituem **mais uma aquisição para sempre** (*ktēma te es aiei*) do que uma peça para um auditório do momento (Thuc. 1, 22, 4, tradução de Ana Lia Amaral de Almeida Prado, grifo nosso)

Uma busca por *mythôdes* no TLG nos mostra que o termo certamente é uma invenção Tucidideana formada pela raiz de *mythos* (entendida como a narrativa mitológica de deuses e heróis, propriamente dita) e o sufixo *-ôdes*, empregado em adjetivos que costumam trazer o sentido de “com cheiro de” ou “parecido com”. Tucídides utiliza esse adjetivo substantivado no neutro (*to*) e com uma partícula negativa (*mē*) justamente para enfatizar que, apesar de lidar com grandes batalhas e uma guerra que se arrastou por décadas, sua narrativa não terá aquilo que até então era próprio dos relatos bélicos. O exagero e celebração das glórias de guerra, a exaltação das virtudes gregas diante dos persas ou da superioridade ateniense sobre seus adversários certamente agradariam aos ouvintes daqueles que quisessem se sentir lisonjeados pelo elogio aos seus compatriotas, ancestrais ou à sua cidade, mas a produção de um relato “com cheiro de mito” não é compatível com a metodologia exposta pelo historiador. Ao analisar o uso do termo, Stewart Flory (1990) propõe que se entenda *mythôdes* como a narrativa “patriótica”, em um sentido mais específico, e como um chauvinismo sentimental de modo mais geral. Como é de se esperar, ainda que Tucídides tenha narrado as batalhas de modo bastante literário, o que poderia causar certa contradição, ele não descreve qualquer ato sobre-humano de bravura que tenha mudado o rumo dos acontecimentos na Guerra do Peloponeso.

Por certo, esse não é o único neologismo de Tucídides e seu sentido, como nas outras instâncias em que o historiador conduz experimentações com a língua grega, é esclarecido através de sua antítese. Nesse trecho, a antítese explicitada pelo uso das partículas *men ... de* é outro adjetivo substantivado no neutro, *to saphes*. Por vezes entendido como uma paráfrase da própria verdade ou mesmo da exatidão, seu significado é dado pelos genitivos das expressões que se seguem, dos acontecimentos passados e futuros. A

expressão *to saphes* é, portanto, a expressão de uma certeza razoavelmente clara sobre as ações e comportamentos humanos que é produzida pela análise cuidadosa e racional de eventos específicos, como a Guerra do Peloponeso, que podem oferecer paradigmas gerais para a compreensão do futuro (Scanlon, 2002), assunto que trataremos melhor no próximo item. É esse “conhecimento claro” construído com base em dados empíricos em contraposição a *mythôdes* que possibilita a compreensão de uma verdade mais fundamental sobre as ações humanas.

Diante disso, aquilo que constitui um problema na construção desse conhecimento claro da verdade é a presença na narrativa histórica daquilo que Tucídides habilmente chama de *anexelenkta*¹¹ (Thuc. 1, 21, 1), o improvável e o inverificável capazes de contaminar com o falso a busca pela verdade e prejudicar a *akribéia* da obra, constituindo-se quase como que sua antítese dentro do pensamento histórico tucídideano. É nesse sentido que surge a intervenção do historiador no discurso de Alcebíades¹² por ocasião da segunda votação sobre a expedição à Sicília. Defendendo a manutenção do plano que prevaleceu na primeira votação, um dos argumentos de Alcebíades é que os siciliotas não têm tantos hoplitas quanto alegam, ao que Tucídides rebate, alegando que também os outros gregos não os tinham, e que seus números estavam muito exagerados (Thuc. 6, 17, 5: *epseusmenos*).

Já Amiano parece utilizar o termo *veritas* em poucas e solenes ocasiões, de tal forma que essa raridade parece indicar que ele exprime em sua pureza o ideal distante, senão inacessível, com o qual no limite se confunde a História (Sabbah, 1978: 19). Na sua *sphragis*, o historiador deixa bem claro que os grandes inimigos de uma obra histórica são o silêncio (*silentium*) e a mentira (*mendacium*), que podem vir a corrompê-la (*corrumpo*). Em momentos cruciais Amiano se esforça para afastar as suspeitas de corrupção de sua obra por essas duas graves faltas. Um desses momentos é o início da narrativa sobre o reinado de Juliano, imperador muito admirado pelo antioqueno devido às suas qualidades militares e intelectuais (Carvalho, 1996). Ao afirmar que, quando foi César, Juliano foi o autor de tão grandes feitos na Gália que superou grandes conquistas dos antigos, ele adverte:

¹¹ Uma eloquente composição da partícula negativa *an-* com o verbo *exelenchō*, literalmente “refutar” ou “confrontar”.

¹² Seguimos a interpretação de Mynott, para quem todo o trecho *kai mēn ... hōplisthē* parece uma interrogação feita pelo próprio Tucídides ou algum comentador.

o que quer que será narrado, que não está adornado pela **falsidade melodiosa** (*falsitas arguta*), mas comprovado pela **fidelidade imaculada aos fatos, garantida pelas evidências documentais** (*fides integra rerum (...) documentis evidentibus fulta*), será quase pertinente ao domínio laudativo (Amm. Marc. 16, 1, 3, grifo nosso).

E no desfecho da já mencionada batalha de Marcianópolis, outro ponto bastante sensível da obra devido às suas incertezas, Amiano garante:

tendo sido a **verdade em nada encoberta pela mentira** (*veritate nullo velata mendacio*), seguramente é suficiente **assimilar** (*digerere*) os próprios pontos principais dos eventos: pois de toda maneira a **honesta integridade** (*integritas fida*) é necessária para que a memória dos acontecimentos seja narrada (Amm. Marc. 31, 5, 10, grifo nosso).

As combinações de *integritas* e *fides* com seus respectivos adjetivos *integrus* e *fidus* representam a tautologia típica do estilo discursivo de Amiano. É essa fórmula reforçativa, deveras incisiva, que age como um escudo contra o que quer que venha a corromper a veracidade da narrativa histórica em momentos delicados nos quais o historiador pode ser facilmente acusado de leviandade. Isso é, em outras palavras, a declaração de honestidade do próprio historiador. Através disso ele busca assegurar perante a audiência que sua narrativa corre de acordo com os preceitos históricos estabelecidos pelos antigos, os quais viam a História como parte do gênero demonstrativo, tendo uma função didática e moral (Ambrósio, 2005: 33). Como tal, a História deveria se comprometer com a verdade e não ter como objetivo principal apenas agradar aos ouvidos da audiência.

Por isso, pode causar certa estranheza a inserção dos discursos dos imperadores nas *Res Gestae*, doze no total, nunca ultrapassando o limite de um por livro. O fato de que todos esses discursos aparecem nas *Res Gestae* apresentando a mesma prosa rítmica dividida em *clausulae* que observamos na narrativa indica que eles não são autênticos (Laistner, 1963: 149–150).

Ora, poder-se-ia pensar que a invenção desses discursos por parte de Amiano trairia os próprios preceitos estabelecidos pelo historiador, maculando a sua busca pela verdade com a mentira, empregada no meio da narrativa para o mero deleite literário. Contudo, segundo os preceitos dos antigos retóricos, o processo de desvelar a verdade perante uma audiência requer o uso da arte retórica para torná-la convincente ou plausível, de modo a conferir à narrativa uma verossimilhança (*eikos*). Certamente, isso poderia envolver a cunhagem (*fingo*) de argumentos e discursos, resultando em uma forja (*ficta*) cujo objetivo podia variar. Se compreendida como uma reconstrução plausível de eventos, feita de boa-

fé (*fides*), com a finalidade de tornar claro o conhecimento de algum assunto, a integridade (*integritas*) da obra não estaria comprometida, mas se a elocubração se estendesse com o objetivo de enganar a audiência pela mentira (*mendacium*) estaríamos diante de uma narrativa abertamente falsa (*falsa expositio*). Há uma diferença fundamental, portanto, entre ficção (*fictio*) retórica que mira a verossimilhança e a invenção de coisas que não poderiam ter acontecido (Kempshall, 2011: 350-352), como o que Amiano caracteriza como *fabula*.

Dentro da lógica das *Res Gestae*, portanto, os discursos imperiais têm um objetivo didático que os manteriam no domínio da plausibilidade e não da falsidade melodiosa. Por certo, na historiografia clássica, via de regra, os discursos vinham em pares para que a audiência pudesse distinguir os argumentos mobilizados por uma e por outra parte de um debate. Contudo, dada a natureza autocrática do poder imperial na Antiguidade Tardia, não havia contraponto que pudesse ser feito ao discurso do imperador. Dos doze discursos elaborados por Amiano, dez são arengas dos imperadores às suas tropas e buscam revelar ao ouvinte um aspecto que ele teria considerado importante da realidade política do Império Romano tardio: a situação de completa dependência da posição vantajosa dos governantes em relação à boa vontade das tropas (Laistner, 1963: 150) e o desaparecimento da cena pública daquilo que poderia ser considerado um debate político (Silva, 2007: 178).

Dessa maneira, se para Tucídides a narrativa histórica não pode ser composta “visando ao que é mais atraente para o auditório de preferência ao que é verdadeiro (Thuc. 1, 21, 1: *epi to prosagōgōteron tēi akroásei ē alēthēsteron*)”, diferenciando-se, assim, dos logógrafos e poetas, como vimos, Amiano se utiliza do mesmo argumento para se afastar dos panegiristas que adornam seus discursos com falsidades melodiosas e reafirma sua honestidade como narrador em diversas ocasiões. As *Res Gestae* foram concebidas, segundo o próprio Amiano, como “uma obra que deu a conhecer a verdade (Amm. Marc. 31, 16, 9: *opus veritatem professum*)”, e como tal se diferencia dos panegíricos pelo seu objetivo; dos breviários por sua estrutura narrativa, a qual visa explicar os processos históricos, e das biografias por não ter um caráter anedótico sobre a vida dos grandes personagens¹³, buscando nos processos históricos verdades mais fundamentais.

¹³ Algo que Amiano considera frivolidade, visto que em sua descrição dos vícios da aristocracia e do povo da cidade de Roma ele critica que os únicos autores que despertam

Ktēma e digestio: o conhecimento do passado como aquisição para a vida

Tanto para Amiano Marcelino quanto para Tucídides, essa busca pela verdade emerge de um propósito que se coloca diante deles em razão de acontecimentos de grandes proporções cuja compreensão, por sua vez, permite a apreensão de certos princípios verdadeiros que tendem a se repetir na História.

Por isso, ao narrar a Guerra do Peloponeso, Tucídides não deixa de fora nada que tenha contribuído para a mudança de suas circunstâncias, para aumentar as aflições que ela trouxe ou que tenha ocorrido em decorrência dela. Afinal, essa foi, para ele, a maior comoção (Thuc. 1, 1, 2: *kínēsis (...)* *megístē*) de seu tempo, que afetou boa parte do mundo conhecido, tanto grego quanto bárbaro. Assim, a peste que se abateu sobre Atenas no segundo ano da guerra (Thuc. 2, 47, 2–55, 1), o terremoto em Delos (Thuc. 2, 8, 3) e a convulsão social em Corcira (Thuc. 3, 69–85) contribuíram para criar “a imagem de uma realidade completamente transtornada, alterada, convulsionada, como nunca antes acontecera (Vargas, 2017: 67).”

Ao retornarmos para Thuc. 1, 22, 4, citada anteriormente, podemos concluir que, para Tucídides, ter a compreensão clara dessa grande comoção, ainda que não seja uma empreitada prazerosa, mostra-se útil (*ōphelima*) devido ao fato de as coisas humanas tendem a se repetir. Presumir a existência de fenômenos similares (*toiauta kai paraplēsai*) no futuro, contudo, não significa aceitar que a História se repita precisamente (eventos idênticos), mas reconhecer padrões nas ações humanas (eventos similares). Afinal, não haveria qualquer utilidade em uma narrativa histórica diante da inevitabilidade dos acontecimentos. Se os eventos podem tomar formas diferentes, ainda que sigam certos padrões, Tucídides poderia esperar que o conhecimento claro proporcionado pela leitura de sua obra fosse efetivamente esse elemento de mudança, ajudando as futuras gerações que porventura se encontrassem diante de circunstâncias similares (Flory, 1990: 205). Essa utilidade transparece na caracterização de sua obra como *ktēma*, uma riqueza, bem ou posse a disposição perene (*aiei*) de seu possuidor e não um prazer passageiro de um conto embelezado (Raaflaub, 2012).

o interesse dos romanos são Mário Máximo (continuador de Suetônio) e Juvenal (Amm. Marc. 28, 11, 1).

A Batalha de Adrianópolis em 378, por sua vez, terminou com a perda de dois terços do exército romano oriental e, apesar de reconhecermos hoje que essa derrota romana não representou o fim da hegemonia militar do Império a longo prazo, sua dimensão e o fato de que, até o tratado de 382, os godos vagaram praticamente desimpedidos pela diocese da Trácia impressionaram os autores da posteridade, que acabaram por colocar no evento o peso dos infortúnios de sua própria época em uma variedade de reações (Lenski, 1997).

Para Amiano, a maior carnificina desde a Batalha de Canas (Amm. Marc. 31, 13, 19) deveria certamente ser compreendida através de uma análise de todo o período que a antecedeu e cujas vicissitudes culminaram nela. Por certo, suas exposições dos vícios dos habitantes de Roma (14, 6, 1-26; 28, 4, 1-35) visavam chamar a atenção para a corrupção dos costumes que outrora levaram os romanos à grandeza de seu Império. Em seus duros julgamentos sobre os imperadores romanos, as falhas aparecem como uma “nódoa de vícios” que “também nas esferas privadas e cotidianas deve ser evitada. (Amm. Marc. 31, 14, 6: *vitiorum labes etiam in his privatis cotidianisque rationibus impendio est formidanda*) e suas qualidades como “coisas que devem ser imitadas por todos os bons (Amm. Marc. 31, 14, 4: *Haec bonis omnibus aemulanda sunt*)”.

Os homens valorosos do passado superaram adversidades que se abateram sobre o Império, como as Guerras Címbrias (113-101 a.C.), as Guerras Marcomanas (166-180 d.C.) e as incursões dos godos na segunda metade do século III justamente porque

a sóbria antiguidade ainda não havia sido corrompida pela moleza da vida mais desenfreada nem cobiçava banquetes ambiciosos ou favores escandalosos (Amm. Marc. 31, 5, 14)

Assim, a utilidade de sua obra, apesar de não contarmos com seu prefácio, consiste na identificação das situações no passado que levaram à corrupção e, consequentemente, à ruína a fim de evitá-las no presente. A leitura das *Res Gestae* tornaria o leitor capaz de antecipar o desenrolar dos acontecimentos e prevenir os homens acerca de seu destino (Silva, 2007: 178-179). Afinal, a Fortuna, alegoria estoica de uma força de redistribuição universal, sempre puniria os excessos e vícios e premiaria as virtudes (Benedetti, 2017).

Talvez a noção de Amiano que mais se assemelhe aos *ktēma* de Tucídides seja efetivamente a *digestio*, expressa no parágrafo em que Amiano se desculpa pelas imprecisões sobre a Batalha de Marcianópolis, citada

anteriormente. Em muitas ocasiões, o verbo *digero* (lit. digerir) é usado na narrativa de Amiano com a acepção de “assimilar”, em formações com o particípio pretérito perfeito, planos, determinações e negociações sobre os quais imperadores e generais refletiram por algum tempo (Amm. Marc. 14, 6, 14; 15, 4, 1; 5, 22; 24, 7, 1; 26, 8, 1: *consilium digestum* em várias formações diferentes). Noutros casos, a ação ou decisão tomada um imperador após o recebimento de uma notícia é precedida da expressão “após ter assimilado essas coisas (Amm. Marc. 15, 5, 22; 23, 3, 4; 26, 5, 3; 29, 2, 21: *haec digesta* e variações)”.

Ao utilizar o termo para garantir que não vale a pena se prender aos números de baixas da Batalha de Marcianópolis, Amiano coloca sua narrativa como algo que deve ser “digerido” pelo leitor, tomado para si como os *ktēma* tucídideano de modo a guiar suas ações no futuro dentro da compreensão das leis universais e verdadeiras que regem o rumo da História. Da mesma forma, não há nada de irremediável ou inevitável nos acontecimentos humanos. Amiano Marcelino (31, 16, 8) deixa isso claro ao terminar sua narrativa não com a avassaladora derrota romana, mas com a reação rápida e salutar, em sua concepção, do mestre de infantaria Júlio, que comandou um massacre dos assentados godos que haviam sido recebidos no Império antes da travessia dos tervíngios pelo Danúbio em 376.

Considerações finais

Ao longo desse estudo, buscamos apontar as semelhanças entre aspectos do pensamento histórico de Tucídides e Amiano Marcelino, tendo argumentado que tal investigação seria proveitosa tendo em vista a recente tendência em buscar no historiador não apenas as influências de seus pares latinos, mas do mundo grego no qual ele se inseria. Não há, entretanto, nenhuma tentativa manifesta de *imitatio* nas *Res Gestae*. Se em todos os pontos que enfatizamos o historiador-soldado antioqueno definitivamente se assemelha ao historiador-general ateniense, vale ressaltar que em muitos aspectos eles também se distanciam.

Amiano não é tão crítico de Heródoto quanto Tucídides ou mesmo outros do período do principado, como Plutarco. Depois de narrar a travessia dos godos tervíngios pelo Danúbio em 376, ao se deparar com a quantidade imensa de pessoas que cruzaram o rio, Amiano reavalia o relato de Heródoto sobre o tamanho das tropas persas em Dorisco: “também pela recente evidência a credibilidade dos antigos foi restaurada (Amm. Marc.

31, 4, 8: *fides quoque vetustatis recenti documento firmata est).*” Ao narrar um evento tão controverso quanto a morte do imperador Valente, o qual marca o fechamento de sua obra, Amiano apresenta duas versões diferentes: a de que ele teria morrido rapidamente atingido por uma flecha e a de que ele teria se salvado num casebre, que depois foi incendiado pelos inimigos (Amm. Marc. 31, 13, 12–16), algo que não encontra paralelo na obra de Tucídides mas que é observável em Heródoto (Luce, 1997: 15). Além disso, as digressões geográficas que já mencionamos, e que devem muito às descrições de regiões feitas por Heródoto, como a da Cítia em Amm. Marc. 31, 2.

Por certo, é no sentido de uma confiante autorrepresentação do autor “como soldado de outrora e grego (Amm. Marc. 31, 16, 9: *ut miles quondam et Graecus*)” após o término de uma tarefa hercúlea e não uma expressão de modéstia literária (que se esperaria no prefácio) que devemos compreender a abertura de sua *sphragis*. Amiano se considera capaz de descrever tais eventos por sua experiência militar e os descreve dessa forma por ser um grego, algo que, a julgar pelo uso de *Graecus* em outros momentos de sua obra, aponta para um evidente apego aos ideais da cultura grega, sua literatura e filosofia. A justaposição desses dois elementos evoca certamente outras figuras ilustres que tomaram parte nos eventos que narram e os escrevem “da maneira grega”, como Políbio (Boeft *et al.*, 2018: 299), talvez Dexipo e sem dúvidas Tucídides.

Isso também nos permite compreender melhor o aviso de Amiano às novas gerações que pretendessem escrever a História dos eventos que se seguiram para que aperfeiçoem suas palavras *ad maiores (...) stilos* (Amm. Marc. 31, 16, 9). Diversos sentidos e traduções foram propostos para essa expressão¹⁴, mas, considerando a qualificação de Amiano na abertura da *sphragis* e a forma que as *Res Gestae* tomaram, devemos compreendê-la como um conselho para que os próximos historiadores levem a cabo uma escrita da história como o faziam os *maiores*, os historiadores de outrora como Tucídides dentre os quais Amiano busca se inserir, preocupados nem com a brevidade nem com a adulação ou mero entretenimento, mas com a busca pela verdade e a utilidade da compreensão dos fatos através de métodos rigorosos, bem estabelecidos e comprovados.

Diante de todos esses elementos, podemos seguramente afirmar que Amiano Marcelino leva a cabo em sua obra algo de realmente original, posto que compôs sua obra guardando como princípios fundamentais aqueles estabelecidos pelos historiadores da antiguidade, dentre os quais

¹⁴ Para uma síntese do longo debate sobre a *sphragis*, ver Guzmán Armario, 2015.

ele busca se inserir. As *Res Gestae* são, afinal, uma grande síntese tardia entre a língua latina e a historiografia grega que emergiu dadas as circunstâncias em que elas foram escritas (Benedetti, 2016: 37–39). O que foi possível mostrar aqui é que temos muito mais do que um indício indireto de uma provável familiaridade de Amiano com ao menos a reflexão teórica de Tucídides (*contra Sabbah*, 1979: 68). Seus métodos e seu pensamento histórico estiveram, sem dúvida, impregnados dos preceitos estabelecidos por seu colega ateniense.

Agradecimentos

Breno Battistin Sebastiani, Daniel Rossi Nunes Lopes, Jessica Regina Brustolim e Julio Cesar Magalhães de Oliveira.

Fontes primárias

AMIANO MARCELINO. *Histórias*: Livro 31 e Anônimo Valesiano. Tradução, introdução e notas de Pedro Benedetti. Curitiba: CRV, 2016. *Ammiani Marcellini Rerum gestarum libri qui supersunt*. Edidit W. Seyfarth. Leipzig: Teubner, 1978.

EUTROPIO. *Abrégué d'histoire romaine*. Texte établi et traduit par J. Hellegouarc'h, Paris: Les Belles Lettres, 1999.

FESTO. *Il breuiarium di Rufio Festo*: testo, traduzione e commento filologico con una introduzione sull'autore e l'opera, a cura di M.L. Fele, Hildesheim: Weidmann 2009.

LONGINO. In: Aristotle: *Poetics*; Longinus: *On the Sublime*; Demetrius: *On Style*. Translated by W. H. Fyfe, revised by D. Russell. Londres: Harvard University Press, 1995. p. 143–308.

LUCIANO DE SAMOSATA. *Comment écrire l'histoire*. Édité par André Hurst. Paris: Les Belles Lettres, 2010.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*: Livro I. Tradução, apresentação e notas de Anna Lia Amaral de Almeida Prado, São Paulo:

WMF Martins Fontes, 2013. *The War of the Peloponnesians and the Athenians*. Edited and translated by Jeremy Mynott, Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

Referências Bibliográficas

AMBRÓSIO, Renato. *De Rationibus Exordiendi*: os princípios da história em Roma. São Paulo: Associação Editorial Humanitas/Fapesp, 2005.

BARNES, Timothy. D. *Ammianus Marcellinus and the Representation of Historical Reality*. Ithaca: Cornell University Press, 1998.

BENEDETTI, Pedro. Introdução. In: AMIANO MARCELINO. *Histórias*: Livro 31 e Anônimo Valesiano. Tradução, introdução e notas de Pedro Benedetti. Curitiba: CRV, 2016. p. 9-53.

BENEDETTI, Pedro. Para Compreender o papel da FORTVNA no destino do império em Amiano Marcelino. *PRIMORDIUM - Revista de Filosofia e Estudos Clássicos*, v. 1, n. 2, p. 94-112, 2017.

Boeft, J. den, 'Ammianus graecissans?', in: J. den Boeft, D. den Hengst and H.C. Teitler (eds.). *Cognitio Gestorum. The Historiographic Art of Ammianus Marcellinus* (Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen. Verhandelingen, Afd. Letterkunde, Nieuwe Reeks 148), Amsterdam 1992, 9-18.

CARVALHO, Margarida M. de. A Heroificação do Imperador Juliano no relato de Amiano Marcelino. *Revista de História (UFOP)*, v. 6, p. 159-164, 1996.

BOEFT, Jan den; DRIJVERS, Jan; HENGST, Daniël den e TEITLER, Hans C. *Philological and Historical Commentary on Ammianus Marcellinus XXXI*. Leiden: Brill, 2018.

BROWN, Peter. *The World of Late Antiquity*: from Marcus Aurelius to Muhammad. Londres: Thames & Hudson, 1971.

FLORY, Stewart. The Meaning of τὸ μὴ μνθῶδες (1.22.4) and the Usefulness of Thucydides' History. *The Classical Journal*, v. 85, n. 3, p. 193-208, 1990.

FORNARA, Charles. The Prefaces of Ammianus Marcellinus. In: GRIFFITH, Mark e MASTRONARDE, Donald J. (orgs.) *Cabinet of the Muses*:

Essays on Classical and Comparative Literature in Honor of Thomas G. Rosenmeyer. Atlanta: Scholars Press, 1990. p. 163–172.

GUZMÁN ARMARIO, Francisco J. 'El último enigma de Amiano Marcelino: *Ut miles quondam et Graecus* (XXXI, 16, 9). In: Guzmán Armario, Francisco J. *Soldado y Griego: estudios sobre Amiano Marcelino*. Cadiz-Granada: Libros EPCCM, 2015. p. 163–183.

JONES, Arnold H. M. *The later Roman empire, 284-602: a social economic and administrative survey*. Oxford: Blackwell, 1964.

KELLY, Gavin. *Ammianus Marcellinus: The Allusive Historian*. Cambridge: University Press, 2010.

KEMPSHALL, Matthew. *Rhetoric and the Writing of History, 400-1500*. Manchester: Manchester University Press, 2011.

KULIKOWSKI, Michael. Coded Polemic in Ammianus Book 31 and the Date and Place of its Composition. *Journal Of Roman Studies*, Cambridge University Press, v. 102, p. 79–102, 7 jun. 2012.

LAISTNER, Max L. W. *The Greater Roman Historians*. Berkley: University of California Press, 1963.

LENSKI, Noel. *Initium mali Romano imperio: Contemporary Reactions to the Battle of Adrianople*. *Transactions of the American Philological Association*, v. 127, p. 129–168, 1997.

LUCE, Torry J. *The Greek Historians*. Londres: Routledge, 1997.

MARINCOLA, John. *Authority and tradition in ancient historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MARROU, Henri-Irénée. *Décadence romaine ou Antiquité tardive ? IIIe-VIe siècles*. Paris: Seuil, 1977.

MATTHEWS, John. *The Roman Empire of Ammianus*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989.

MOMIGLIANO, Arnaldo. The lonely historian Ammianus Marcellinus. *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa. Classe di Lettere e Filosofia*, Pisa, serie III, v. 4, n. 4, p. 1393–1407, 1974.

PIRES, Francisco M. A retórica do método (Tucídides I.22 e II.35) in: PIRES, Francisco M. *Mithistória*, vol. II, 2^a ed. São Paulo: Humanitas, 2006, p. 285-300.

PRADO, Anna L. A. de A. Introdução. In: TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*: Livro I. Tradução, apresentação e notas de Anna Lia Amaral de Almeida Prado, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. p. ix-xviii.

PUECH, Bernardette. Comment il faut écrire, dans la tradition classique, l'histoire des guerres romaines contre les Barbares. *Ktēma*, n. 36, p. 43-56, 2011.

RACINE, Félix. Herodotus' Reputation in Latin Literature from Cicero to the 12th Century. In: PRIESTLEY, Jessica e ZALI, Vasiliki (orgs.). *Brill's companion to the reception of Herodotus in Antiquity and beyond*. Leiden: Brill, 2016. p. 193-212.

RAAFLAUB, Kurt. A. *Ktēma es aiei*. Thucydides' concept of "learning through history" and its realization in his work. In: TSAKMAKIS, Antonia e TAMIOLAKI, Melina (org.). *Thucydides between history and literature*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2013, p. 3-21.

RENGAKOS, A. e TSAKMAKIS, A. (orgs.) *Brill's companion to Thucydides*, Boston, Leiden: Brill, 2006.

SABBAH, Guy. *La méthode d'Ammien Marcellin: recherches sur la construction du discours historique dans les « Res Gestae »*. Paris: CUF, 1978.

SCANLON, Thomas F. 'The Clear Truth' in Thucydides 1.22.4. *Historia: Zeitschrift Für Alte Geschichte*, v. 51, n. 2, p. 131-148, 2002.

SEBASTIANI, Breno B. O problema da verdade em Tucídides. In: WERNER, Christian; LOPES, Antônio D. e WERNER, Erika. (orgs.). *Tecendo narrativas: unidade e episódio na literatura grega antiga*. São Paulo: Humanitas, 2015. p. 201-222.

SILVA, Gilvan V. da. História, verdade e justiça em Amiano Marcelino. In: JOLY, Fábio D. *História e retórica: Ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007. p. 165-182.

SYME, Ronald. *Ammianus and the Historia Augusta*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

THOMPSON, Edward A. *The Historical Work of Ammianus Marcellinus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1947.

VARGAS, Anderson Z. Uma ambiguidade retórica tucídideana. in: SILVA, Glaydson J e SILVA, Maria Aparecida de O. *A ideia de História na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Alameda, 2017. p. 61-90.